

RELAÇÕES ENTRE MITO E CIÊNCIA

PEDRO RÉGO
UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

INTRODUÇÃO

Sendo o mito uma necessidade e uma produção humana ele não podia estar desaparecido das sociedades ocidentais. De facto, o nosso mundo está povoado de heróis míticos e de ideias míticas. Vivemos numa época capitalista e numa sociedade de consumo desenfreada onde o maior mito é a felicidade do consumo. Da mesma forma os heróis míticos povoam constantemente o nosso imaginário fazendo-nos querer ser como eles, servindo-nos como exemplos para a acção quotidiana ou para vidas imaginadas. Ayrton Senna, Romário e Ronaldo, Marlyn Monroe e Brigitte Bardot são alguns exemplos de heróis míticos que nos fazem sonhar e que, principalmente, constituem pontos de referência, modelos, neste mundo tão efémero e estonteantemente rápido.

Também é de referir o aumento de mitos escatológicos agora que nos estamos a aproximar do fim do milénio. É fácil de ver na televisão séries e filmes que nos contam como será o fim do mundo e como será o futuro do homem. Séries como Millenium, Ficheiros Secretos, Psy Factor ou Terra, Conflito Final invadem a nossa casa construindo-nos um mundo de representações e provocando uma série de sensações modeladoras do nosso imaginário..

Outra questão bastante interessante e importante do nosso século são os mitos políticos. Será que estes mitos são uma nova expressão do mito do paraíso perdido, da idade de ouro. A ideia, já vinda da revolução francesa, da igualdade, da liberdade e da

fraternidade pode efectivamente ser o nosso anseio pelo mundo perfeito onde não existiriam injustiças ou qualquer relação de poder entre os homens.

Vemos assim que o mito está completamente presente na nossa sociedade. Muitas vezes nem sequer reparamos nele mas o que é certo é que mesmo não se mostrando de forma evidente ele está connosco, vivemos com ele, representamos o mundo com ele. Esta evidência do mito na nossa sociedade foi uma das razões porque escolhi este tema. Como diz Victor Jabouille, "...afirmando a necessidade mítica do ser humano, verificamos que, mesmo dizendo-se amítica e pretendendo actuar de uma forma mitofágica, a nossa sociedade aproveita todas as oportunidades para tentar criar e afirmar uma mitologia que pensa adequada à sua realidade." (1986: 15) O tema ainda me fascinou mais quando se vê que na nossa sociedade existem dois modos de pensar aparentemente tão distantes como o mito e a ciência mas que na realidade podem estar mais próximas do que muitas vezes pensamos.

A comunicação está dividida em duas partes. Na primeira parte falo das características e das funções do mito assim como da evolução que a definição de mito tem sofrido ao longo dos tempos e também ao longo da história do pensamento antropológico. Na Segunda parte falo das relações entre mito e ciência. Com esta comunicação, sem desprezar as diferenças entre os dois discursos, pretendo mostrar que mito e ciência não estão tão longe um do outro como muitas vezes parece. Pretendo mostrar que o discurso de ambos é

um discurso que procura achar uma ordem para o cosmos. Procuo assim ultrapassar aquela já velha concepção que vê a ciência como um conhecimento certo e racional sobre as coisas ou sobre as suas condições de existência e o mito como uma explicação do real satisfatória para um espírito primitivo e falsa, por simplista. Ou seja, procuro ultrapassar a ideia de que ciência é verdade e mito é falsidade.

FUNÇÕES E CARACTERÍSTICAS DOS MITOS

Analisar o mito implica, em princípio, uma definição do objecto estudado. Nota-se que ao longo dos tempos, e também ao longo de todo o pensamento antropológico, a definição que se tem dado do que é o mito tem-se vindo a alterar. Uma definição clássica é nos dada por Sir James Frazer, estudioso do fenómeno religioso. Ele compreendia o mito como uma explicação errada dos fenómenos quer da vida humana quer da natureza exterior. Na mesma linha de pensamento encontra-se A. Lang. Ele dizia que as narrativas míticas eram absurdas e irracionais. Frases como estas vieram estigmatizar o mito e conferir-lhe um estatuto bastante negativo, um estatuto de falsidade que se opõe pela sua natureza à razão. Para estes pensadores, claramente influenciados pelas teorias evolucionistas da cultura, o mito era algo que pertencia à mente primitiva, eram características próprias dos povos primitivos que ainda não tinham conceptualizado os seus princípios fundamentais em linguagem filosófica e científica como já tinha sido feito pela cultura ocidental, sociedade avançada e iluminada.

Esta concepção do mito vem cada vez mais sendo abandonada. Como diz Bernardo

Bernardi, “ A análise moderna pôs os mitos sob outra perspectiva, como parte integrante de uma cultura particular, pertence à sua linguagem e neste sentido o seu valor é completo e verdadeiro” (1974: 389). Este novo olhar é protagonizado pelos funcionalistas. O mito é olhado como parte integrante de um sistema e, portanto, como tendo uma função particular a desempenhar para o todo sistémico. Malinowski chegou mesmo a afirmar que o mito é a carta constitucional das nações. A visão funcionalista aparece mais preocupada com o papel do mito do que preocupada em saber se o mito corresponde à verdade ou não. Se é verdade ou não, não interessa, o que interessa é saber para que serve e que papel desempenha para os seres humanos de uma cultura em particular. De facto, como diz Álvaro Campêlo num artigo escrito para a revista Antropológicas: “No discurso da crença religiosa, como o de qualquer outra crença, sempre o problema se centrou na questão essencial do seu conteúdo estabelecer uma relação problemática com a verdade. Abordando as várias teorias clássicas sobre a crença, e reafirmando o seu conteúdo como um objecto pertinente e urgente dentro dos estudos antropológicos, procuramos utilizar e propor novos caminhos de acesso ao “saber” presente no discurso da crença.” (1997: 28) Com este pensamento, os antropólogos descobriram que o mito serve para dar sentido à acção humana ao mesmo tempo que a integra num todo coerente. O mito organiza o cosmos, dá-lhe um sentido, dá um significado à vida que parece olhar os homens de forma indiferente. Foram estas conclusões que olhares como o funcionalista propuseram. Descobriram assim que o mito desempenha um papel muito importante no sistema cultural humano.

Outra perspectiva de análise muito interessante é feita pelo estruturalista Claude Lévi-Strauss. Este pensador vê o mito como um campo de análise privilegiado para a análise estrutural pois é no mito que se vê em acção a estrutura inconsciente que faz parte de todos os homens. É lá que se manifesta todo o trabalho efectuado pela estrutura inconsciente da mente humana. Lévi-Strauss fez a análise de muitos mitos e reparou que há elementos constantes em todos eles, elementos que comprovariam a existência da tal estrutura mental universal. Yvans Simonis, no seu livro de reflexão sobre o pensamento de Lévi-Strauss afirma que, " Na mitologia, o espírito não é directamente confrontado com a realidade exterior, o espírito não é controlado pelos objectos exteriores, está na actividade que desenvolve como que deixado a si mesmo. O espírito na mitologia falaria assim, principalmente, de si mesmo e, visto que é ele que interessa, aproveita-se aqui uma oportunidade de colheita mais ampla de informações." (1969: 205)

O olhar que os antropólogos podem ter do mito também vai ganhar um novo impulso, mais recentemente, com Clifford Geertz. Para isto, a noção de religião de C. Geertz é essencial pois religião, " é um sistema de símbolos que actua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos com tal aura de factualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas." (cit in Campelo, 1997: 32). Para Geertz, a religião de um povo forma o seu ethos, ou seja, o tom da sua vida, o seu estilo e disposições morais e estéticas, a sua visão do mundo, as suas ideias mais abrangentes sobre a ordem. Com esta nova abordagem poderíamos olhar para os mitos vendo de que forma os homens se

implicam no quotidiano, tomam certas atitudes, revelam certos comportamentos por causa do mito que lhes fornece uma cosmovisão e um sentido para a acção. Como diz Álvaro Campelo, "...mais do que um saber interpretativo, a crença deverá ser investigada enquanto saber prático. Devemos analisar a capacidade do discurso da crença, enquanto autorizado por um "real", se transformar em elementos organizadores de práticas, ou seja, "em artigos de fé. Por sua vez, estes "artigos de fé" reproduzem-se em cópias narrativas e práticas, as quais investem-se de autoridade para também elas fabricarem o "real"." (1997: 35)

A grande evolução que se deu na Antropologia permitiu igualmente o desenvolvimento da interpretação que se dá aos mitos. De falsidades e ilusões próprias de espíritos primitivos que pertenciam a estágios de evolução inferiores, o mito começou a ser encarado como fazendo parte de um todo e como tendo uma função a desempenhar. Já Lévi-Strauss via o mito como expressão do "pensamento selvagem", daquele pensamento primeiro, primário, constituinte de todos os humanos. Por último vimos a perspectiva geertziana, o mito que predispõe à acção, que leva à elaboração de práticas modeladoras do real. Assim, muitos antropólogos pensam hoje que o mito, além de ser um meio de expressão e de pensamento é também uma forma de viver e de actuar.

Além dos mitos cosmogónicos apresentados no 1º capítulo, há outros tipos de mitos. Exemplos de outros tipos de mitos são: o mito teológico, onde se relata o nascimento de deuses, os seus matrimónios e genealogias, o mito antropogónico, onde se apresenta a criação

do homem, o mito cultural, onde se narram as actividades de heróis míticos que melhoraram a vida dos homens, mito etiológico, onde se pesquisam as causas de certas tradições e de nomes de coisas ou de lugares, o mito naturalista, onde se justificam míticamente os fenómenos naturais, o mito moral, onde se relata as lutas entre o bem e o mal, entre forças ou elementos contrários, o mito escatológico, onde se descreve o futuro, o homem após a morte e o fim do mundo.

Todos estes mitos actuam de forma profunda no homem, fornece-lhe uma cosmogonia e uma cosmovisão, fornece-lhe também um campo simbólico e um universo significativo a partir do qual o grupo pode comunicar e coexistir e o indivíduo pode agir e pensar. Como diz Karl Kerényi, citado por Jabouille no livro *a ciência dos mitos*, "...a mitologia viva vive-se, é um modo de expressão e pensamento." (1986: 40) Georges Dumézil, também citado por Jabouille, diz que, "...a função da classe particular de lendas que são os mitos é a de exprimir dramaticamente a ideologia com que vive a sociedade, de manter na sua consciência não só os valores que ela reconhece e, principalmente, o seu ser e a sua própria estrutura, os elementos, as ligações, os equilíbrios, as tensões que a constituem, sem o que se dispersaria." (1986: 41, 42).

Podemos assim concluir com Bernardi que, "A procura duma explicação da presença do homem sobre a terra, do significado da vida, do bem e do mal, do sofrimento e da dor, da morte e do pós-morte, não dá tréguas e o esforço de interpretação nunca atinge o fim. Mas a partir desta procura definem-se os valores conceituais de base e determinam-se as normas racionais do comportamento, numa visão e numa prática

de vida que relaciona o homem com toda a natureza." (1974: 386).

MITO E CIÊNCIA

Um dia, o filósofo Emmanuel Kant escreveu que o nosso entendimento não extrai as suas leis da natureza mas impõe as suas leis à natureza. No século XVIII, século conhecido como o das "luzes", esta frase ganha uma extraordinária importância. Com ela Kant afirma que a própria razão tem limites, ou seja, a razão não actua separada do ser humano, pelo contrário, é algo que se forma e se desenvolve com o ser humano e com todas as suas limitações. Assim, e como disse Kant, nós nunca conhecemos o noumeno mas apenas o fenómeno, ou seja, nós não conhecemos as coisas "em si" mas apenas como elas são "para mim". Quase um século antes de aparecer o positivismo com Auguste Comte, o filósofo alemão mostra que a razão não é algo de absoluto mas sim algo que cresce e que faz intimamente parte do espírito humano e das suas incertezas e limitações cognitivas. Karl Popper, referindo-se a Kant, escreveu que "A natureza, tal como a conhecemos, com a sua ordem e as suas leis, é assim largamente um produto das actividades ordenadoras e assimiladoras da nossa mente...devemos por de parte a ideia de que somos observadores passivos esperando que a natureza imprima a sua regularidade sobre nós. Em vez disso, devemos adoptar a ideia de que assimilando os nossos dados dos sentidos imprimimos activamente a ordem e as leis do nosso entendimento sobre eles. O nosso cosmos sofre a marca das nossas mentes...pois somos nós que produzimos, pelo menos em parte, a ordem que

nele encontramos...(Kant) torna possível considerar a ciência como uma criação humana e considerar a sua história como uma parte da história das ideias, ao mesmo nível que a história da arte e da literatura." (Popper cit in AAVV, s/d: 27).

Quando dizemos que a ciência é feita por homens que impõe as suas visões e entendimento para tentar ordenar o cosmos não nos afastamos muito do que é o mito e das suas funções. Tanto a ciência como os mitos procuram criar uma ordem que dê sentido ao cosmos e às coisas que experienciamos. Caprettini diz que Mythos e Logos são "...dois modos diferentes de produzir aquilo a que se poderia chamar processos para a realização de investimentos de verdade" (1987: 102).

Depois de um longo predomínio do positivismo nas ideias do mundo ocidental, nota-se hoje que a moderna epistemologia põe cada vez mais em causa as ideias positivistas. Nomes como Karl Popper, Thomas Khun e até mesmo Edgar Morin têm contribuído cada vez mais, com análises bastante inovadoras, para a desmistificação das verdades absolutas e universais tão proclamadas pela ciência. Homens como estes têm vindo constantemente a afirmar que as próprias leis científicas são representações provisórias de verdades relativas, ou seja, cada vez mais a palavra verdade é relativizada para se falar preferencialmente em representações. Nesta moderna epistemologia, a noção de paradigma de Thomas Khun é bastante importante para nos mostrar que ciência e mito não são dois fenómenos completamente antagónicos. Assim, um paradigma é um consenso de teorias, de modelos teóricos, de métodos e técnicas, em que uma comunidade científica se apoia como

forma de ver e investigar o real. É uma chave de leitura, de interpretação dos fenómenos. Ao longo de qualquer ciência os paradigmas vão-se alterando, ou seja, a visão, os códigos de leitura com que a ciência lê o real vão-se alterando ao longo do tempo. Os paradigmas são uma prova que a ciência não é capaz de estabelecer leis universais e eternas, se conseguisse os paradigmas não precisariam de ser alterados, haveria durante todo o tempo um paradigma . Ora, o que se nota é que há um paradigma dominante durante um tempo mas que depois entra em crise para mais tarde ser substituído por outro paradigma capaz de responder às questões que o anterior não conseguia responder. Passado mais tempo este mesmo paradigma vai cair para dar o lugar a outro.

Vemos assim que um paradigma científico aproxima-se muito da noção de discurso mitológico pois ambos são chaves de leitura do real. Caprettini diz que " Apreendendo-se um destes paradigmas científicos assimila-se uma perspectiva particular sobre os fenómenos, como demonstra o facto de uma revolução nos paradigmas- aquilo a que Khun chama de "mutação da concepção do mundo"- pode permitir, contemplando os mesmos objectos, ver neles coisas novas e diferentes. (1987: 102).

É claro que mito e ciência têm grandes diferenças entre si. Uma delas é a que nos é apresentada por Lévi-Strauss no seu livro Mito e Significado, "O mito pretende atingir por meios mais diminutos e económicos uma compreensão geral do universo, e não só uma compreensão geral como total. Isto é, trata-se de um modo de pensar que parte do princípio de que se não se compreende tudo não se pode explicar coisa alguma. Isto está inteiramente em contradição com o modo de proceder do

pensamento científico que consiste em avançar etapa por etapa (s/d: 30,31).

É também bastante óbvio que as linguagens utilizadas pela ciência e pelo mito são bastante diferentes. A narrativa mitológica utiliza uma linguagem simbólica, plurívoca. Exemplos de símbolos utilizados no mito são a água, a árvore, a serpente, o céu, etc... Cada um destes símbolos vai trazer representações específicas às pessoas que estão dentro do sistema cultural onde é produzido o mito. É de referir, no entanto, que os símbolos referidos encontram-se em quase todas as religiões e sistemas de crenças religiosas. Estas representações vão construindo toda uma visão do mundo que, por ser feita através de símbolos, tem um alcance muito mais profundo na mente e no imaginário humano que qualquer outro discurso. As pessoas aderem aos mitos não racionalmente mas emotivamente, sentem na pele a verdade do mito e alheio a isto não será, mais uma vez, a natureza simbólica do discurso mitológico. Já o discurso científico é unívoco, uma palavra apenas tem um sentido e não pode ter outro. O pensamento simbólico faz apelo à dedução e à análise e não à intuição e à imaginação como faz o pensamento simbólico. É no entanto um erro afirmar que o pensamento simbólico não é um verdadeiro pensamento. O pensamento simbólico utiliza ideias e conceitos tal qual o racional. No entanto, a lógica de manuseamento destes conceitos é feita segundo uma outra lógica, a lógica simbólica. Pode-se assim dizer que a lógica é diferente mas não podemos dizer que o pensamento simbólico é inferior como diziam muitos antropólogos. Como diz Lévi-Strauss no livro *Mitos e Significados, os mitos* "...são movidos por uma necessidade ou um desejo de compreender o mundo que os envolve, a sua natureza e sociedade em que

vivem. Para atingirem estes objectivos agem por meios intelectuais exactamente como faz um filósofo ou até um cientista" (s/d: 31).

Em jeito de conclusão podemos afirmar que percebe-se cada vez melhor que crer não se opõe necessariamente ao saber. Como diz Álvaro Campêlo, "...historiadores, sociólogos e antropólogos reconhecem hoje que o crer não se opõe ao saber como a luz às trevas. Há diversas maneiras de crer, variáveis concepções do verdadeiro e do necessário, e se nem todas as religiões implicam a fé, também o critério dado às verdades científicas origina saberes paralelos, de modo a que proposições demonstradas possam servir como artigos de fé" (1997: 33).

Cada vez mais as barreiras entre Mythos e Logos vão-se esbatendo. Cada vez mais se percebe que ambas são elaborações do espírito humano, uma tão válida e necessária como a outra, e que a discriminação do discurso mitológico não faz qualquer sentido.

CONCLUSÃO

Espero ter conseguido mostrar ao longo desta comunicação que ciência e mito são compatíveis em muitos aspectos. A desmistificação da ciência como senhora da verdade absoluta tem vindo a decair com o contributo de homens como Kant, Thomas Khun, Karl Popper, Edgar Morin ou Bachelard. Jabouille diz-nos que, "...Bachelard, que possuía profundos conhecimentos científicos, observou, por exemplo, que a química dos séculos XVII e XVIII não tem a objectividade pretendida recorrendo a processos alheios aos princípios da

razão pura e deixando-se influenciar pela cultura e pela sociedade contemporâneas." (1986: 33)

A nova epistemologia mostra-nos, como diz Edgar Morin, que o conhecimento não é uma ilha isolada. Ou seja, o conhecimento não é algo separado do todo que a produz. De facto, o conhecimento é antes uma península, não se pode separar o conhecimento do homem de todo o seu complexo neurológico, do seu entendimento e das suas limitações, pois é este todo que vai produzir e fazer avançar o conhecimento. É pois devido ao facto de haver limitações humanas ao conhecimento absoluto que tornam este mesmo conhecimento como algo relativo a determinados contextos, quer físicos (do próprio homem), quer espaciais e temporais.

Tomar consciência disto é essencial para uma aproximação da ciência ao próprio mito. A ciência olha para o real segundo paradigmas que estão sempre em mudança. Veja-se quanto diferente é o paradigma de Newton e o de Einstein, um é mecânico enquanto o outro faz da relatividade o conceito máximo de análise do cosmos. O mito, tal como o paradigma, é uma concepção do cosmos. Este é um dos pontos essenciais deste trabalho e é aqui que reside uma das pontes possíveis entre Mythos e Logos.

Michel Foucault afirma que é o mito e a episteme que, em correlação mútua, configuram em cada momento histórico a organização do saber de uma sociedade. Nesta proposta de Foucault os dois sistemas de pensamento agiriam em conjunto para provocar a cosmovisão de uma determinada sociedade.

Assim, é de rejeitar a ideia de Lévi-Bruhl e de outros que dizia que muitos povos estariam ainda numa fase pré-lógica (simbólica, mitológica) e que iriam evoluir para um estágio completamente racional. Na primeira parte do trabalho já foi referido que as noções evolucionistas lineares impediram que se visse qual a função desempenhada pelo mito para a sociedade. Como diz Caprettini, "...a hipótese elementar de uma linha de progresso conduzindo das obscuridades intelectuais do mito à luz triunfante da razão é não só historicamente inexacta, mas também, e sobretudo, incapaz de esclarecer certos fenómenos culturais complexos." (1987: 75)

BIBLIOGRAFIA

- BERNARDI, Bernardo. 1974. *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*, Lisboa: Edições 70.
- CÂMPELO, Álvaro. 1997. "O Saber da Crença Religiosa", in *Antropológicas*, Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, pp 28-42.
- CAPRETTINI, Gian Paolo. 1987. "Mythos/Logos", in *Enciclopédia Einaudi*, Vol. 12, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp 75-104
- DI NOLA. 1987. "Origens", in *Enciclopédia Einaudi*, Vol. 12, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp 11-31.
- ELLIADÉ, Mircea. (s/d) *Origens*, Lisboa: Edições 70.
- JABOUILLE, Victor. 1986. *Iniciação à Ciência dos Mitos*, Lisboa: Editorial Inquérito.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. (s/d) *Mito e Significado*, Lisboa: Edições 70.
- SIMONIS, Yvan. 1969. *Introdução ao Estruturalismo*, Lisboa: Editores Moraes.
- AAVV. (s/d) *A Revolução Idealista, Kant e Hegel*, 3º volume, Mem Martins: Edições Sebenta.